

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha | Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa
 PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno.....	48000	Anno.....	88000	Trimestre.....	28000
Semestre.....	28400	Semestre.....	48000	Mez (em Lisboa).....	700
Trimestre.....	18200				

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: O PROJECTO DO MONUMENTO A VICTOR HUGO EM LISBOA, por JEAN BOUCHER. • Texto: QUEM É O REI DE PORTUGAL, 21 illustr. • COMO SE TRABALHA NA PRATA EM PORTUGAL: A CASA LEITÃO, 11 illustr. • CONGRESSO REPUBLICANO EM COIMBRA, 10 illustr. • O 1.º DE MAIO, 2 illustr. • SPORTS, 3 illustr. • A ACCLAMAÇÃO D'EL-REI, 1 illustr. • OS CAES: A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA, 13 illustr. • A ABERTURA DAS CORTES, 4 illustr. • COMO NÓS VENCEMOS NO CUAMATO, 19 illustr. • • •

VAGO

PRISÃO DE VENTRE HABITUAL

ALOINA HOUDÉ

ENXAQUECAS

FALTA DE APPETITE

A. HOUDÉ, 29, Rue Albouy, Paris.

VAGO

Companhia
***** DO *****

Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada.
Proprietária das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior (Alberga), Valle-a-Velha). **

*** Escripções e depósitos ***

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276
PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51

End. telegr.: Lisboa, Companhia Prado, Prado—Porto
—Lisboa, N.º telephon. 608

VAGO

COMPREM AS Sedas suissas

PEÇAM as amostras das nossas Sedas Novidades em preto, branco ou cor, de 1 fr. 20 a 18 fr. 50 o metro. Especialidades: estofos de seda para trajos de passeio, de casamento, de baile e de soirée, assim como para blusas, forras, etc. Vendemos directamente aos consumidores as nossas sedas ga rantidas soldas e enviamol-as aos domicílios francas de porte

EXPORTAÇÃO DE SEDAS

SCHWEIZER & C.ª

Lucerne E. II. (Suissa)

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES e FORNECEDORES da CASA REAL

NOUVEAU PARFUM
29, Bd DES ITALIENS, PARIS

PRINCIA VIOLET

Instituto de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, beleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisíveis approvados pelo Laboratório Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Aguas e crèmes para branquear a pelle das mãos, luvas e aparelhos para o seu afornoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a cõr empregue todas as manhãs os maravilhosos

Tintura vegetal garantida e inofensiva. Loção capilar para evitar a queda dos cabellos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua cõr natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pellos e fazendo-os desaparecer completamente.

O INSTITUTO DE BELLEZA deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depósitos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.
26, Place Vendôme, 26—PARIS

ESCROFULA :: CHLORO-ANEMIA

Authenticas (de Paris)

PILULAS DE BLANCARD

Exigir o verdadeiro Producto (assinatura, etiqueta verde, e endereço)

XAROPE DE BLANCARD

40, Rue Bonaparte, Paris (France).

LYMPHATISMO :: DEBILIDADE



L'Épilvite
L'Épilvite

CREME EPILATORIA
prompta a ser empregada.
Resultado garantido

Perfumada, dissolve instantaneamente as penugens desengraçadas, a barba, os pellos os mais duros do rosto e do corpo. Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada

M. A. GRAZIANI, Pharm. de 1ª classe, 63, Rue Rambuteau, Paris.
Agente dep. Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco e Jesus, Lisboa.
Passo do frasco pequeno 800 Reia e do frasco grande 1.400 Reia.

QUEM É O REI DE PORTUGAL



Grupo tirado no Pêlo do Esquôrto, do paço de Cintra, por occasião da vinda a Lisboa, em 1905, dos duques de Connaught e de suas filhas as princezas Patricia e Victoria—(CLICHÉ BENOLIEL)

(Continuado
do n.º 115)

UMA REVIVESCENCIA DE D. PEDRO V. A OBSECAÇÃO DA PROPHECIA. OS COMPANHEIROS DE INFANCIA DE D. MANUEL. A REVELAÇÃO DE UM CARACTER. UM CONCEITO DE PLUTARCHO.

Não só com a hereditariedade poderia explicar-se esta regressão atávica a um typo superior e raro na dynastia de Bragança e cujos antecessores unicos parecem ser o malogrado D. Theodosio e o não menos infeliz principe do Brazil D. José, filho primogenito de D. Maria I e D. Pedro III—o dis-



El-Rei D. Manuel aspirante de marinha (1904)

(CLICHÉ A. NOVAES)

cipulo dilecto de Pombal, admirador entusiasta do imperador da Austria D. José II, irmão de Maria Antonietta, e cujas ambições de reforma amedrontaram Beckford. "O proprio destino, que pelo nascimento o collocára na meia penumbra projectada pelo vulto gentilissimo do Principe Real, sobre quem incidia toda a luz da evidencia, preparalhe essa quasi obscuridade, propicia ao desenvolvimento da sua natural propensão meditativa e estimularalhe o brio infantil, melindroso e sensível, na ancia salutar de ser *alguem*.

De ha muito se vinha dizendo que, em contraste com a bonhomia inalteravel do herdeiro da corôa, D. Manuel tinha accessos de um phre-

nesi altivo, e anedotas circulavam nos salões da nobreza sobre essa rebeldia nervosa do neto e afilhado da rainha D. Maria Pia. Esses assomos imperiosos — para que occultal-o? — provinham, as mais das vezes, do sentimento ferido por uma subalternidade que involuntariamente lhe lembravam os precoces lisongeadores do futuro monarca seu irmão, entre os quaes os seus camaradas de armas. O desventurado D. Luiz Filippe — cujo reinado devia durar cinco tragicos minutos de agonia — tinha já uma côrte. Sempre, de todos os tempos, assim foi. Para o sol que desponta se inclinam as hervas. A alma recta, nobre e generosa do Infante nunca inve-



El-Rei D. Manuel
(1906)

jára a sorte do primogenito. Nunca irmãos se amaram mais extremosamente. Mas á sensibilidade de D. Manuel doia que lhe fizessem sentir a relativa modestia da sua hierarchia. Essa creança educada n'um regimen austero — e que aprendeu á sua custa a ajuizar dos cortejos! — tinha já a noção pundonorosa do amor-proprio, tão viva na idade em que a não attenuam as capitulações da conveniencia, e a dignidade exigente de um homem.

A um dignitario que lhe perguntava se não sentira emulação de vêr o Príncipe Real agraciado pelo Rei de Inglaterra com a ordem da Jarreteira, o Infante, então com treze annos, respondia:

— Não me importo... O mano é que gosta d'essas cousas. Eu cá tenho outras ambições: queria reger uma orchestra!



El-Rei D. Manuel (1903)
(CLICHÉS BOBONE)

A pergunta melindrara-o. Porque elle, tambem, gostava d'aquellas cousas... Ou não fôsse, pelo temperamento, um Saboya, com a sedução



El-Rei D. Manuel (1902)
(CLICHÉS BOBONE)

irresistível pelo decorativo — príncipe de conto de fadas, que gostaria de vestir-se pelos figurinos de Veroneso!

A sua ternura pelo irmão attingia fervores de idolatria. De manhã, ao encontrarem-se pela primeira vez na sala commum de estudos, beijavam-se. Educados n'um pé de igualdade perfeita, D. Luiz Filippe usufruia entretanto essa ascendencia moral que em todas as familias foi sempre o apanagio do mais velho, sem prejuizo da cordealidade do affecto fraterno.

Pretendendo adduzir, ao mesmo passo que uma predestinação mysteriosa, a secreta fascinação que as glorias do throno exerciam sobre o espirito impressionavel de D. Manuel, um jornalista francez¹ conta uma anecdota — mais veridica do que



El-Rei D. Manuel
(1904)

á primeira vista pôde parecer — que reproduzimos apenas para definir a estima fraternal que ligava os dois Príncipes e que constituia o mais solido penhor de uma futura collaboração e alliança, cujo alcance politico não vale mais a pena agora encarecer.

Era pela Epiphania, á sobre-mesa do jantar, nas Necessidades. Servira-se o bolo-rei. Cada convidado, alegremente, procurava na loura massa a *fava* da prophécia. D. Luiz Filippe tem um ligeiro sobresalto, segreda ao seu visinho da esquerda:

— Sou sempre eu o rei...

E como D. Manuel, n'esse mesmo instante se voltasse, o Príncipe Real, surrateramente, troca com o irmão mais novo a fatia de bolo premiada pela sorte enigmatica.

¹ Maffre de Bangi — «La Tricherie au Destin», no *Matin* de 10 d'abril de 1908.

—Alteza, para que faz isso?—pergunta o dignitário.

Então o Príncipe murmura, com um doce gesto de silencio:

—Cale-se... Aquillo vai causar-lhe tanto prazer! Ah! elle será rei tanto quanto eu puder!

E todos beberam, n'essa noite, á saude do rei D. Manuel.

Os francezes fizeram sempre intervir na historia a phantasia. Na obcecação dos signos propheticos, tambem a *Lecture pour Tous*, em um artigo publicado no seu numero de abril, dava curso a outra anecdota parecida. N'uma festa militar, um soldado, tomando D. Manuel pelo herdeiro da corôa, bebera á saude do futuro rei de Portugal...

Na intenção de crear a seus filhos um nucleo de affectos de mocidade, que mais pro-

mento e destinando a D. Manuel a camaradagem da Escola Naval, como simples alumno, sem quaesquer prerogativas especiaes.

Esses primeiros companheiros dos Principes —os seus amigos de infancia— foram D. José e D. Maria de Vasconcellos e Sousa (Figueiró), D. Maria, Pedro e Jorge de Mello (Sabugosa), Rodrigo Correia Henriques (Seisal)—morto prematuramente em Cintra de um desastre na caça—Manuel de Castro Pereira, Alexandre, Francisco e Izabel Ferrão, D. Antonio de Sousa Holstein (Fayal), Fernando Ulrich, D. Ruy Zarco da Camara (Ribeira), D. Pedro, D. Manuel e D. Maria de Mello e Castro (Galveias).

Um d'elles se queixou um dia de que D. Luiz Filippe ou D. Manuel—não vale a pena investigar qual dos dois—o magoara. Chamou-o a Rainha e depois de averiguar que o damno proviera de uma mais turbulenta brincadeira,



Uma revivescencia dos
El-Rei D. Manuel, aos onze
«tourinhas» em Cintra

tempos da galanteria
annos, servindo de neto n'umas
(CLICHÉ BOBONE)

fundamente os associasse á vida collectiva, a Rainha, desde cedo, escolhera entre as familias da côrte alguns companheiros para os Principes, evitando com essa camaradagem, por completo destituída dos embaraços da etiqueta, a maligna timidez peculiar aos principes e em grande parte derivada do sequestro do paço.

Chamava a Rainha a essa reunião, não raras vezes turbulenta, o *collegio*. Era uma instituição que ella zelosamente mantinha, lastimando que as tradições preconceituosas da côrte portugueza não permitissem desenvolver-a, á semelhança do praticado na Inglaterra e na Allemanha, com a convivencia universitaria, e cuja falta logo premeditara corrigir interessando o Príncipe Real na vida do seu regi-

disse-lhe com a sua linda voz risonhamente severa, cheia de trinados de r r francezes:

—Quando te magoar faze-lhe o mesmo. Vocês são todos amigos e todos eguaes quando brincam. Mas accusar, não, que é feio!

Mais tarde, não raro acontecia que aos seus professores, que simultaneamente o eram do Lyceu ou da Escola Polytechnica, os Principes pedissem, ao approximarem-se os exames, pelos amigos. E faziam-no com um interesse desvelado, assíduo e generoso, a que um professor de D. Manuel respondia, de uma vez:

—Mas os amigos de Vossa Alteza não estudam!

—Estudam—replica o Infante—mas os explicadores é que não prestam. Se elles tives-



S. M. a Rainha Senhora D. Amelia

sem o Kerausch, veria!

Essas amizades tinham enraizado fundo no coração permeavel do Infante.

Uma manhã, á mesa do almoço, El-Rei commentava severamente a indisciplina desrespeitosa de um amigo dos Príncipes, a quem o professor castigára, no Lyceu, com tres dias de suspensão.

Com surpresa geral, D. Manuel, afogueado, interrompeu El-Rei.

— Meu pae, F... era incapaz de fazer isso!

— Tanto fez que o castigaram — retorquiu El-Rei, a quem agradara esse generoso impeto de defeza, que coloria as faces habitualmente pallidas do Infante e que tão vigorosamente revelava a rectidão da sua consciencia juvenil, apaixonada pela justiça.

D. Manuel calou-se. E já todos tinham esquecido o incidente quando, passados dias, o Infante procurava El-Rei para lhe entregar um inquerito a que mandára proceder sobre a conducta do amigo e onde, se não lhe provava a innocencia, lhe attenuava consideravelmente a culpa.

Em tudo elle punha essa mesma grave obstinação, esse fervoroso afan de investigação minuciosa, que era um dos superiores distinctivos do seu character, incontaminado d'esses cepticismo indolente de que enfermam as aristocracias e que a volubillidade e a inconstancia logo symptomatisam.

E' com esse *esprit de suite*, com essa teimosia voluntaria, com essa ponderação meticolosa, que a politica portugueza tem de agora para o futuro que contar. No throno está hoje uma revivescencia de D. Pedro V. Esse adolescente, ainda atordoado pela tragedia inominavel que o sagrou rei n'um baptismo de sangue, é uma vontade e uma força: uma vontade que ha de impôr-se, uma força que ha de gira. O tempo, para elle acelerado pelas responsabilidades da realza, ha de amadurecer depressa essas qualidades nativas, que desde

a infancia se revelaram na criança pensativa, docil perante a brandura, indomavel perante a violencia. D. Manuel não precisará como Cresus, rei dos sardos, a visita de Solon. Aos dez annos, preparavase para assistir a um concerto ou um espectáculo de circo com a precoce gravidade com que amanhã se preparará para discutir com os seus ministros um projecto de lei ou a nomeação de um funcionario.

E não se diga que exaggeramos a importância d'estes symptoms e procuramos tirar positivas conclusões de desvaliosas premissas. Ao começar a biographia de Alexandre e desculpando-se de deixar no esquecimento algumas das suas acções famosas, escrevia Plutarcho: *um leve gesto, uma palavra pueril ou*

um simples sorriso illuminam melhor um caracter do que o lampejo dos gládios e o incendio das cidades conquistadas. O essencial para um biographo é assignalar os distinctivos da alma.

N'um filho de rei como n'um filho da roda, a infancia é a synthese moral que a vida desenvolverá n'uma vasta generalisação. Assim como a semente da rosa não produzirá a ortiga, assim as infancias austeras não conduzirão ás virilidades delictuosas. Com indicadores mais subteis, cautelosamente recolhidos em grossos volumes de doutrina, o dr. Bernardino Machado intentou a analyse da infancia como importante subsidio para a previsão dos caracteres. Nunca tendo vivido na intimidade da côrte, libertos de quaesquer



*El-Rei D. Manuel em Pompeia
—El-Rei D. Manuel
assistindo a uma excavação
em Pompeia (Março de 1903)*

suggestões palacianas, o estudo analytico, que hoje ensaiamos sobre a infancia e a mocidade do actual Rei, não podendo descer a taes minucias, constitue um simples exercicio de psychologia, desenvolvido com a logica possivel sobre depoimentos insuspeitos. Lastimamos que um mais intimo conhecimento do assumpto nos não permitta acompanhá-lo de mais minuciosas investigações, n'um compendio systematisado de observação continua e de progressão chronologica. Mas supponnos que



*El-Rei D. Manuel e S. M. a Rainha D. Amélia
em Pompeia (LICHES CHARLES ABÉNICATT)*



El-Rei D. Manuel
com a bandeira do corpo
de alumnos da Escola
Naval na cerimonia
do juramento de bandeiras, realisada
na hippodromo de Belem
em 20 de janeiro de 1907—(CLICHÉ BENOLIEL)

a penuria de detalhes em pouco ou nada
prejudica a semelhança do retrato moral
que estamos desenhando.

À VIAGEM AO EGYPTO — À INSTRUÇÃO DE
UM PRINCEPE — UMA VIDA LABORIOSA
— OS PREPARATORIOS PARA O CURSO
NAVAL

No dia seguinte ao primeiro exame, que se realisou a 25 de fevereiro de 1903 no paço das Necessidades, em *petit comité*, na presença dos Reis e dos dignitários de semana, o Infante D. Manuel, então com pouco mais de treze annos, embarcava no *yacht Amelia*, em companhia da Rainha e do Príncipe Real, para um cruzeiro no Mediterraneo.

Essa viagem, que os medicos tinham aconselhado à Rainha, era, como nenhuma outra, propria para gravar nas imaginações juvenis dos Príncipes a noção grandiosa e theatral do mundo antigo, rasgando-lhes incommensuraveis horizontes retrospectivos, desde as millenarias civilizações egypcias até aos finos requintes gregos e latinos de Herculano e Pompeia. Durante dois mezes e meio o *yacht* sulcou as aguas historicas onde as trirêmes da Grecia, as heptêres do Egypto, as galés aventurosas da Phénicia afadigadamente trabalharam em concorrência commercial e em pugnas guerreiras. O pequeno Infante, fardado com o uniforme do Real Club Naval, passava os dias n'um embevecimento deslumbrado. Era de vêr a reflexiva attenção com que ouvia o dissertar emphatico e sybillino dos archeologos de Pompeia e dos conservadores sapientes dos museus do Egypto, com esse extase com que as creanças ouvem as historias de ogres e de fadas. Ao lado do irmão, *touriste* que se comprazia, como um epicurista delicado, na farta, agradável colheita das impressões visuaes, elle parecia, com o *kodak*

a tiracollo, um pequenino sabio: a miniatura de um d'aquelles *egyptologos* que tratavam familiarmente os Pharaós do *Antigo Testamento* e liam os hieroglyphos do sarcophago de um Ramsés com ligeirezas de gazella.

D'esta excursão entre scenarios da *Salambó* e da *Aida*, pelo theatro em ruinas do mundo antigo, trouxe D. Manuel um diário, como os de seu avô o rei D. Luiz e seu tio o infante D. João, — ainda hoje conservados na bibliotheca da Ajuda — onde a creança desabafára, em imaginosos descriptivos, a deslumbrada perturbação em que essa viagem pelos paizes das maravilhas mergulhára a sua alma absorvente de artista. N'esse diário, forçosamente ingenuo, revelavam-se de subito as naturaes predilecções litterarias do neto do traductor de Shakespeare e do auctor da *Historia da Guerra da Sucessão*, que mais tarde, já nas vespéras da catastrophe politica a que deveu o throno, ia começar a escrever, com os escrupulos de um historiador e a paciencia investigadora de um beneditino, uma monographia sobre o palacio ducal de Villa-Viçosa.

A confluencia hereditaria, tanto pelo lado paterno como pelo materno, de vocações artisticas e litterarias, preparára na opinião dos que de perto tratavam com o Infante e com conhecimento de causa podiam avaliar das suas aptidões, um authentico temperamento de homem de letras, em que a idade deveria desenvolver a elegancia de um estylo semelhante, pela colorida vivacidade, ao do academico duque d'Angulema, o historiador brilhante e erudito dos Comdés. Essa supremacia de atavismos estheticos, — para que concorrera uma dynastia historica de príncipes e princezas, que desde a Renascença, rimando villancetes d'amor, como Carlos d'Orleans, e através as edades mo-



El-Rei D. Manuel (1907)
(CLICHÉ BOBONE)

guagem modelar os mais complexos problemas sociais, como o conde de Paris, vinha preparando a estrutura moral do *virtuose* e do artista — providencialmente preservou o Infante d'esse sectarismo militar, outr'ora apanagio indispensavel n'um monarcha, de que se emancipou a civilisação moderna com o advento glorioso da rainha Victoria e cujo ultimo representante, nas realzaas da Europa, é o imperador Guilherme d'Allemanha.

Esse *espirito militar*, tão vivo em seu pae, e que já principiava a despontar na organisação delicada do Príncipe D. Luiz Filippe, não o herdou D. Manuel. Todas as linhagens heroicas, que se bifurcam no seu sangue latino, suavizaram-se e enterneceram-se na formação de um temperamento humanista de letrado. Não se é, porém, impunemente, o



—El-Rei D. Manuel e S. A. Príncipe Real D. Luiz Filippe n'uma touroada em Azambuja (1907)

—El-Rei D. Manuel a bordo do couraçado inglês Essex, com os duques de Connaught (12 de janeiro de 1901)

dernas, compondo e executando musica como D. João IV, creando academias, como o generoso duque de Lafões, pintando os retabulos da Estrella, como a princeza Maria Benedicta, improvisando versos d'amor e instrumentando *Te-Deums* como D. Pedro IV, gravando a agua forte como o rei D. Fernando, traduzindo o *Hamlet*, o *Othello*, o *Mercador de Veneza* e o *Romeu e Julia*, como o rei D. Luiz, fazendo esculptura como a princeza Luiza d'Orleans, a discipula de Ary Scheffer, instituindo museus, como o rei Luiz Filippe, versando n'uma '19-



—El-Rei D. Manuel e S. A. o Príncipe Real em Azambuja (1907)
(C.ICHES BENOLIEL.)



El-Rei D. Manuel, n'um rally paper em Cintra

neto de D. Pedro IV e de Victor Manuel, o descendente de Nun'Alvares e de Humberto *Biancamano*. A intemerata valentia dos rudes Saboyas, que, desde o seculo X, ininterruptamente fizeram ondear ao vento dos combates as plumas dos seus elmos e as sedas das suas flammulas; a bravura intrepida dos Orleans, que até hoje soberbamente deixaram estendidos nos campos de batalha quarenta e nove heroes; o ardor bellicoso d'esses remotos Braganças medievaes, em cujo tronco realengo se enxertou a prole do Condestavel,

transparecem no caracter voluntarioso e na vehemencia sentimental do Infante D. Manuel, a quem alguem chamava *Sua Alteza Agiladissima* por antinomia com Sua Alteza Serenissima—tratamento que tão bem quadrava á docil bonhomia e á elegancia moral do primo-genito.

Marinheiro, elle teria applicado, certamente, á sua profissão, essa energia de alma, esse ardente desejo de se salientar, essa obstinação no aprender, que providencialmente equilibravam o seu temperamento devaneador de artista. Mas, para que occultal-o agora? Não fôra sem dorida reluctancia que o Infante accetára a carreira—embora de tradições gloriosissimas—que seus Paes lhe haviam destinado. Modelo d'esses principes do generoso seculo XVIII, que viram declinar o prestigio politico das



*Padre Domingos Maria Fructuoso, professor de moral—(CLICHÉ J. COUTINHO)
—E' Rei D. Manuel, com seu irmão o Principe Real, na romaria de Santa Eufemia, em Cintra—(CLICHÉ DE BENOLIEL)*

armas e collaboraram no triumpho das artes, das letras e das sciencias, D. Manuel, a quem faltava esse espirito de seita, que é o maior estimulo militar, sabia que já terminára para as armadas a sua aventureira realza dos mares desconhecidos. Pouco propenso ás mathematicas, e assim a toda a introdução theorica do curso naval, a sua incompatibilidade physica com o mar singularmente apoiava aquella falta de espontaneo entusiasmo por uma vida tão opposta ao exercicio das suas predilecções intellectuales. Meia milha andada fóra da barra, o futuro

marinheiro logo sentia agonias invenciveis, que tanto humilhavam o seu brío infantil, no que suppunha ser uma inferioridade — e que não chegava mesmo a ser uma fraqueza.

A pergunta que sempre tinha prompta para os almirantes inglezes era para indagar se todos eram insensiveis a esse odioso mal

do mar, que lhe parecia uma degradação para um marinheiro; e não foi pequena consolação a que o almirante Beresford lhe trouxe ao revelar-lhe que Nelson — o glorioso Nelson de Abukir e Trafalgar — enjoava como qualquer *miss* vaporosa de Piccadilly-Street.

Um biographo palatino teria talvez sonogado ao publico estes pormenores, que tanto esclarecem o character do actual rei e que tanto se prestariam, na mão habil de um lisongeador da corôa, para enaltecer a nobre conducta do Infante adolescente, que acabou por se resignar ao sacrificio imposto pela Razão de Estado, immolando todas as suas aspirações e transportando finalmente para a carreira que lhe era imposta pelas conveniencias politicas um zelo apaixonado.



A visita do imperador Guilherme a Cintra, em abril de 1905

C. MALHEIRO DIAS.

(*Continua*).



N'este grupo, tirado em Cintra, por occasião do almoço oferecido por S. M. a Rainha D. Maria Pia ao Imperador Guilherme, vemos-se quatro reis: D. Manuel II, Guilherme II, D. Carlos I e D. Luiz II, este ultimo rei de Portugal apenas por curtos instantes: os da agonia — (CLICHÉ DE BENOJEL)

ERRATA: — Na composição d'este artigo algumas incorrecções escaparam a revisão, tanto nas datas dos retratos, como no proprio texto. N'este encontra-se por duas vezes a palavra *obsecção* por *obesão* e na 1.ª pagina *prepara-lhe* por *prepará-lhe*. Nas pag. 578, 579 e 583, a data dos retratos é, por sua ordem, 1904, 1903, 1900, 1904 e 1905.



Bilha de Coimbra em samanho natural, copiada do flo conhecido modelo de barro vermelho

As photographias que inserimos n'estas duas paginas reprodu-



Vaso de Villar de Nantes copiado de um modelo nacional de olaria preta

zem alguns dos lindos modelos artisticos que a joalheria Leitão expõe na secção portugueza da



Barco varino em filigrana e crystal decorado com os motivos da filigrana popular, taes como arr-cadas, cruces de Malta, etc.—Grande bandeja e serviço cinzelado em estylo D. José I

exposição do Rio de Janeiro. A sua belleza impõe-se, e não demanda, por isso, ser enaltecida com palavras, que seriam ociosas desde que a impressão que a vista recebe d'esses admiraveis trabalhos, executados com tanta finura e delicadeza, com tão admiravel e requintado sentimento decorativo, é tão espontanea e suggestiva por si propria.

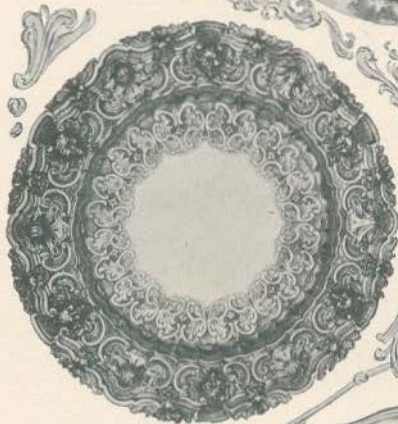
O grande serviço é feito sobre fórmas do seculo XVIII e decorado com festões e volutas inspiradas na obra pintada do



sinhança de peças ricas e ornamentadas, como mostra a circumstancia da bilha não ter decoração quasi nenhuma, sendo apresentada só na riqueza da sua esplendida galba.

A filigrana é uma industria de beira-mar, e vê-se tambem como veste bem a fórma de um barco saiveiro.

O vaso de Villar de Nantes é uma peça pequena; foi augmentado proporcionalmente, ficando uma linda peça decorativa, que tão bem recebeu depois uma decoração inspirada



Salva D. João V em carrancas e pennachos concheados



Fructeiro genero antigo, estylo D. João I. Carrancas e vasos floridos motivos de Queluz

Arsenal do Exercito.

No fructeiro e salva, o artista deu livre curso á sua phantasia decorativa e mostra para os amadores os recursos da sua pericia em domar a resistencia da chapa de prata, que elle consegue reduzir nas formas que quer, como se fosse cera molle.

As peças reproduzidas mostram ainda como algumas fórmas populares são tão puras, e descendem de modelos tão perfeitos, que resistem á riqueza do metal para que são transportadas, e até realçam.

De fórma que uma simples e humilde bilha de Coimbra, textualmente reproduzida, resiste á vi-



Fructeiro manuelino. Arcaturas sob as quaes passam galções e caravellas. Destacam-se cruces de Christo e espheras armillares — Chaleira pertencente ao grande serviço de chá cinzelado em estylo D. José I

n'uma velha faiança do norte.

Os creditos artisticos da casa Leitão estão de ha muito estabelecidos e os trabalhos que envia agora á exposição brazileira não são, por isso, mais do que uma lisongeira confirmação d'elles; mas essas admiraveis peças, que disputam vantajosamente primazias com os mais gloriosos primores da velha ourivesaria portugueza, testemunham, além d'isso, que a nobre tradição, uma das mais famosas e illustres da arte nacional, revive ainda com puro brilho.

(CLICHÉS DE BENOLIRL)

CONGRESSO REPUBLICANO EM COIMBRA



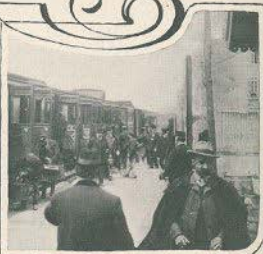
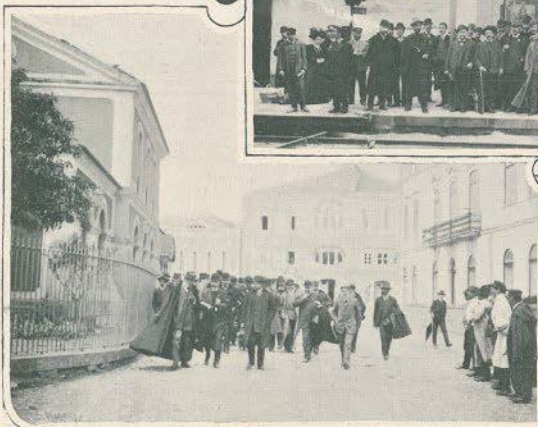
Os congressistas a caminho do hotel—Despedida dos congressistas do sul na estação velha (27 de abril de 1908)—Na estação velha: Os congressistas drs. Fernandes Costa e Brálio Camacho—Os congressistas dr. José Beça, João Chagas e França Borges a caminho do Hotel da Avenida

Durante dois dias, os de 25 e 26 de abril, esteve reunido em Coimbra o congresso republicano, que foi o setimo realizado por aquelle partido. Concorreram á velha



cidade universitária cêrca de trezentos delegados das diversas corporações republicanas do continente, além do directorio, representado por todos os seus membros, e dos deputados do partido.

O congresso durou apenas dois dias, como dissemos, tendo em cada um duss sessões, porém, uma d'ellas nocturna, e correndo bastante animada a discussão, que foi reproduzida nos extractos dos jornaes. A reunião d'esta assembléa partidaria trouxe naturalmente uma animação desusada a Coimbra.



A partida da estação velha: Ao fundo estão os srs. dr. Lima Duque, conde de Felgueiras e Jayme Arthur da Costa Pinto—Chegada dos congressistas do norte à estação nova (25 de abril de 1908)—As ultimas recommendações da despedida na estação velha—Aguardando comboio na estação nova—Sakida da estação nova dos congressistas do norte—Chegada do comboio dos congressistas do norte, entre os quaes se vê o dr. Germano Martins. No primeiro plano um guarda da judicaria e o chefe Cesar—(CLICHÉS DE GASPAR SANTOS, DE COIMBRA)

O 1.º DE MAIO
A JORNADA DE LISBOA



No cemiterio dos Prazeres: A transferencia dos restos mortaes de Ernesto da Silva. Na segunda photographia vêem-se à frente os srs. conselheiro Bernardino Machado e Andrade Neves

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

SPORTS



Team do Foot-Ball do Club do Porto—Uma phase do jogo—Team do Fortuna Sport Club
(CLICHÉS DE CARLOS FERREIRA CARDOSO)



A ACCLAMAÇÃO DE S. M. EL-REI
D. MANUEL II
O acto do juramento
(CLICHÉ DE BENOLIEL).

OS CÃES

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA



Galgo russo

Realizou-se este anno em Lisboa a primeira exposição nacional de cães. E' bastante duvidoso que, apesar da sua intuitiva intelligencia e habito da civilização, o nosso mais velho e illustre amigo tenha apreciado devidamente a honra que lhe foi conferida; mas, o seguro é que, devido á bondade affectiva do seu character, a qual

lhe inspira os mais sublimes sacrificios de dedicação e desinteresse pelo homem, não terá reparado no tardio que chegou, cá, para elle essa consagração do certame. Pois cumpre dizer que n'este ponto não lhe faltavam, na verdade, justos motivos de resentimento. Basta lembrar que as exposições caninas começaram em França, e não foi já cedo, vae em perto de meio seculo.

Efectivamente

a primeira exposição de cães que se fez em Paris, no jardim da Sociedade de Acclimação, no bosque de Bolonha, data de 1863. Mas a Inglaterra tinha muito antes dado o exemplo n'esse sentido. E' certo que as grandes exposições inglezas de cães não precederam aquella senão de cinco ou seis annos apenas, mas desde multos outros antes que se realisavam pequenas exposições parciais, que duravam habitualmente um só dia, ou mesmo uma unica noite, nos restaurantes ou em certas tabernas de Londres frequentadas pouco selectamente e ás vezes mui afamadas.

Começamos, portanto, um pouco tarde; mas, em todo o caso, e apesar dos defeitos inherentes a uma primeira tentativa, é justo confessar que não começá-



Cão nlm

mas mal de todo, pelo que deve ser prestada merecida homenagem à comissão promotora. Na primeira exposição franceza figuraram cerca de setecentos exemplares de diversas raças: na nossa appareceram, pelo menos, metade d'este

numero, ainda que para tão larga concorrência collaborou bastante a indulgência do jury de admissão, ou de quem desempenhou o respectivo encargo. Na primeira exposição regular ingleza realisada em Birmingham, em 1860, não foram admittidos senão 240 concorrentes. Nos anteriores concursos parciais é facil supôr quanto o numero de animaes

expostos seria naturalmente mais reduzido. Um dos promotores das exposições caninas em França, Pierre Pichot, explica-nos, de resto, como se faziam taes famosos certames:

«Estas exposições que não duravam senão um dia ou mesmo uma unica noite, porque eram por vezes à noite, realisavam-se nos restaurantes ou nas salas de certas tabernas de Londres, na maior parte dos casos em quarteirões bastante mal afamados. A sociedade

não era ali das mais escolhidas, não passando os proprios expositores de grooms, artistas ou membros d'esta curiosa classe de sportsmen de que Londres tem a especialidade. Mas, os seus animaes é que eram, algumas vezes, bastante notaveis e dignos de attenção. Estas exposições não eram quasi sempre, para o dono da casa onde se realisavam, senão um meio de attrair gente e consumidores ao seu estabelecimento. Os expositores, accedendo aos convites do *Field*, do *Bell's life*, e mais especialmente d'esses annuncios soltos que se distribuem tão liberalmente nas ruas de Londres, chegavam com o seu cão debaixo

do braço, e gravemente assentados à volta d'um candieiro fumacento, com um copo de porter na mão, via-se todos esses *amadores* discutir ponderosamente as qualidades respectivas dos seus animaes. Que scenas dignas do pincel de Rembrandt ou

de Callot. Faziam-se apostas e por vezes travavam-se conflictos, porque isso é inseparavel do sport inglez, para o qual o povo paga de boa vontade com a sua bolsa e com a sua pelle; e uma das coisas que mais espanto causava n'estas circumstancias era vêr a quantidade de guinões que passavam pelas mãos d'uma gente mal vestida, quando se tornavam mais dispu-



Perdigueiros pointers. A' esquerda o Pachá do sr. Hogan Teves, que recebeu o primeiro premio da sua classe

tadas as apostas.»

Este pittoresco noviciado das exposições caninas não o tivemos nós, porque, á custa d'elle, a Inglaterra ensinou a todos como se organisavam seriamente semelhantes exhibições. A primeira exposição canina internacional de Lisboa, em abril passado, realisouse, por isso, nas melhores condições, com um excellente regulamento e programma, installações apropriadas, resentindo-se decerto

em alguns pormenores, de ser um ensaio, mas não deixando de alcançar um exito lisongeiro

Apresentaram-se effectivamente, alguns exemplares dignos de serem expostos; mas, em compensação, tambem appareceu uma grande quantidade de *gózos*, devido á falta de conhecimento de alguns expositores, que attribuem a seu bel-prazer meritos excepcionaes e imaginarios a toda a casta de fraldiqueiros que possuem, e á to-

lerancia que presidiu á admissão, talvez pelo desejo de animar, n'esta primeira tentativa, a boa vontade dos expositores. A respeito de cães, temos ainda muito que aprender, e por isso, enquanto lá fora, onde todos os ama-



Moka, cadella setter irlandeza do sr. conde de Fontalva



dores se interessam pelas raças dos animais e as conhecem mais ou menos, é raro a parecerem nos concursos exemplares cuja exhibição não valha realmente a pena, cá, este gosto está tão pouco

desenvolvido que vimos os animais mais insignificantes apresentados como se fossem exemplares maravilhosos. Estes certamente são, pois, de uma grande utilidade, porque permitem fazer comparações, analysar o quanto differem as formas de umas e outras raças, e não deixarão de estimular o aperfeiçoamento d'estas, principalmente se para o futuro se evitarem as mesclas que houve agora.

Alguns naturalistas pensaram que a origem do cão domestico, o *Canis familiaris* de Linneo, teria sido uma especie diluviana de uma natureza bastante doce e sociavel, que não existe já hoje no estado selvagem. A idéa de uma origem unica encontra-se, porém, inteiramente posta de parte, suppondo-se, ao contrario, que as nossas raças caninas provem



Monte de Jupiter, cão de S. bernardo

de muitas raças selvagens, e havendo, além d'isso, relações bastante evidentes entre o cão



O galgo russo Orloff



Belleza, cadella podenga grande

sendo domesticado no Egypto muito antigamente. Nehring, ao avêso, diz que é exactamente o lobo commum, com as suas numerosas raças locais, que deve ser considerado como a principal origem das nossas grandes raças caninas, sendo as pequenas, essas descendentes de diferentes especies de chacaes. Quaes tenham sido realmente os antepassados do nosso cão actual é coisa ainda para decidir; mas não ha duvida que foram multiplos, o que facilmente explica as suas raças numerosas.

O zoologo Trouessart procurou reduzir estas ás seguintes quatro principaes, cada uma d'ellas comprehendendo, porém, um certo numero de sub variedades:

Os *dogues*, de cabeça grande e focinho achatado;

Os *terriers*, de cabeça redonda e focinho pontegudo, geralmente de pernas curtas;

Os *lévriers* e os *matins*, de cabeça comprida e fór-

e os lobos e chacaes ac-tuaes. Jeit-teles, que estudou a questão profundamente, não acredita, contudo, que o lobo da Europa tenha concorrido para a produção das raças caninas europeas e orientaes; na sua opinião, o cão da idade da pedra descenderia do chahal, o da idade do bronze do *bhe-ria* ou lobo da India, e, emfim, o *dió* ou grande chahal teria



mas mais ou menos elançadas,

Os *épagneuls*, de pêllo comprido, frisado e orelhas quasi sempre caídas.

Como é sabido, todas estas raças se cruzaram entre si, encontrando-se por isso, todas as transições, tanto sob o ponto de vista do tamanho, como sob o do pêllo, ou sob o das orelhas. Entre nós muita gente tem ainda a mania de, sem mais nem menos, fazer cruzamentos á tôa, que só servem para prejudicar as raças finas, não sobrevivendo qualquer proveito d'essas caprichosas experiencias. E' muito mais facil tirar um bom cão de caça de uma raça pura do que dos taes cruzamentos, e por isso aquelles que tem creação de cães deviam dedicar-se unica e exclusivamente á variedade que lhes fôsse mais predilecta e não saírem fóra d'ella.

Na exposição, como é costume, os concorrentes separavam-se inicialmente por tres categorias: cães de caça, cães de guarda e defeza, cães de luxo. E' uma classificação arbitraria, mas pratica.

A primeira secção foi a mais concorrida, e foi ainda, dentro d'ella, o grupo dos cães *pointers* aquelle em que se apresentou maior numero de exemplares, alguns dos quaes bem interessantes, e entre essas a cadella *Bliss of Meirelbeke*, do sr. dr. Henrique Anachoreta, sobrevivente dos primeiros *pointers* importados e cujo triumpho foi presenciado por varios descendentes nascidos no paiz.

O *pointer* é o grande perdigueiro inglez, o mais apreciado da maioria dos nossos caçadores. E' um animal elegante, de pernas altas e pêllo curto, obtido por meio de diversos cruzamentos feitos em Inglaterra com os *braques*, os cães parados por excellencia, que fazem parte da divisão dos *épagneuls* de Trouessart. A seguir aos *pointers*

ters figuravam os *setters* ou *épagneuls* inglezes, cujas formas são muito mais finas e elegantes do que a dos *épagneuls* do continente, e o pêllo igualmente mais fino. As suas côres são mais variadas, sendo notaveis as dos irlandezes, de que havia na exposição diversos exemplares, principalmente pertencentes ao canil do sr. conde de Fontalva e ao meu. A qualidade negra e côr de fogo, que recebeu o nome de lord Gordon,

e de que tambem havia tres ou quatro exemplares expostos, é uma das que mais contribuíram tambem para fixar o gosto por esta variedade. A representação dos *galgos* era, seguidamente, a mais numerosa e depois a dos podengos. Havia tambem bastantes *fox-terriers* de pêllo curto, animaes dos maiores na respectiva categoria.

Os *cokers*, pequenos *épagneuls* de caça inglezes, de que ha duas raças especialmente estimadas, uma do paiz de Gales, mais escura, e outra do Devonshire, mais clara, e que não são vulgares no continente, eram representados por alguns bons exemplares, do mesmo modo que os *borzoi* ou galgos russos. Dos cães de Saintonge e Gasconha havia a magnifica matilha da secção de caça do Centro Portuguez de Sport, composta de vinte bellos e perfeitos animaes, e que recebeu o premio respectivo.

A segunda secção, de cães de guarda e de defeza, comprehendia os da Serra da Estrella, rafeiros do Alemtejo, filhas dos Açôres e da Madeira, dogues, cães da Terra Nova e do Monte de S. Bernardo, e *cooleys*. A representação das variedades nacionaes pode dizer-se que foi relativamente escassa, e, contudo, em qualquer das classes possuímos esplendidos exemplares, bastante notaveis sob mais de um ponto de vista. Os nossos cães da Serra



Um bello dogue



Cão do monte S. Bernardo

da Estrella, pertencentes á raça dos cães de montanha, em que entram o S. Bernardo, o dos Pyreneus e muitos outros, são animais excepcionalmente fortes,

preparados pelo seu tamanho para lutar vantajosamente com os animais selvagens do paiz, interessantes pela sua pelagem branca com grandes manchas, dura e comprida para resistir melhor aos frios das altas regiões que habitam. Ha exemplares de primeira ordem, em nada inferiores ás raças locais dos outros paizes de montanhas. Os rafeiros do Alemtejo e os cães de fila das ilhas sabe-se o que valem tambem.

Os dogues foram bem representados por diferentes *ulms* e *danois*. Accentuámos já a característica, que os distingue, da sua grande cabeça, devido ao volume dos musculos das queixadas. São animais de uma grande força material, e que, confiando n'ella, atacam sempre de frente, impetuosamente, sem qualquer hesitação.

Os Terras Novas, originarios, como o seu nome indica, da America do Norte, são verdadeiros cães de agua, que com o seu desenvolvido talento de nadadores, tem praticado muitos actos heroicos de salvação. A raça primitiva é toda negra, pequena e de pernas baixas, tendo sido por meio de cruzamentos com os cães da montanha que se tem obtido a variedade grande branca e negra. O *Peniche*, que figurou na exposição, era filho de um cão da Terra Nova e de uma cadella do monte de S. Bernardo. Os cães d'esta ultima qualidade, dos quaes havia uma boa representação, não são menos celebres pelos valiosos serviços que prestam aos viajantes. Hamilton Smith diz que a especie primitiva que os mon-

garam para o serviço de salvação na neve era constituído por um cão enorme, de pernas fortes e massiças, de cabeça grossa e pelagem abundante, mas curta, de um amarello ôcre mais ou menos carregado; por effeito de uma epidemia que se manifestou em 1820 esta raça desapareceu, sendo com o unico individuo que sobreviveu á deploravel hecatombe que se reconstituiu a nova por meio de cruzamentos

com os cães de Leonberg, analogos aos dos Pyreneus.

A secção dos cães de luxo appareceu representada por alguns animais dos typos *toy-terrier*, mops, griffon de Bruxellas, spitz ou cão da Pomerania, por uma *levrette* italiana e por uma cadella japoneza da raça dos pequenos *épagnouls*, a mais estimada de todos os cães d'esta categoria.



Cão setter Gordon

Tal foi, em resumo, o resultado innegavelmente lisonjeiro da primeira exposição canina de Lisboa. As principaes raças estiveram n'ella representadas, e algumas d'ellas por forma bastante vantajosa e distincta. A festa promovida em honra do nosso mais velho amigo e companheiro, pode dizer-se, não ter ficado muito áquem do que elle nos merece, por tantos serviços que desinteressadamente nos vem prestando desde tempos immemoriaes. Efectivamente, o cão desde que se encontra domesticado, e foi elle seguramente o primeiro animal



Cão de gado

que o homem domesticou, tem sido o nosso mais constante auxiliar, um cooperador intelligente e proveitosissimo na nossa vida quotidiana. Para tudo, a bem dizer, serve o cão. Na caça, na pesca, na guerra, na policia, na agricul-



tura, na industria, nos mais variados misteres, em todos os serviços quasi, o animal fidelissimo por excellencia aproveita ao homem.

Guarda-lhe a propriedade e os rebanhos, e guarda-o até a elle proprio; brinca com elle na infancia, vigia-o e acompanha-o na ve-

meiro ensaio que se realisou.

Uma necessidade a que não deve deixar de attender-se é a constituição de um jury de admissoão, que condemne intransigentemente todos os exemplares infimos, que não possuam real merecimento e não tenham,



A comissão de senhoras na distribuição dos premios

lhice, do mesmo modo que o guia quando é cego. Emprega-se em transportes, faz andar uma roda, puxa pequenos carros. E' evidente, pois, que lhe devemos muito, e que elle tem todo o direito a que nos occupemos mais d'elle do que até aqui temos feito.

Entendo, por isso, que é digna dos maiores louvores a comissão que levou a effeito a recente exposiçào, devendo de direito especialisar-se o sr. dr. Henrique Anachoreta, incansavel propagandista do apuramento das nossas raças de cães, de que tantas vantagens tem de resultar para os caçadores e para o progresso da arte venatoria.

As exposições successivas emendarão os pequenos defeitos que não puderam ainda ser evitados n'esta, e que merecem toda a desculpa por se tratar do pri-

portanto, direito ás honras da exhibiçào.

Quer-me tambem parecer que este genero de exposições não deve durar mais de tres dias, a fim de evitar qualquer desastre e que os animaes cheguem a estranhar uma prisào demasiado prolongada.

A experiencia decerto terá indicado quaesquer outras necessidades ainda, a que nos certamens seguintes haverá que attender, restandome, por isso, apenas fazer votos para que a digna comissão não esmoreça, dando-nos para o anno de 1909 uma nova exposiçào, em que sejam mantidas as brilhantes promessas da que acaba de encerrar-se.

VISCONDE DE TOJAL.

Cadella perdigueira com os fillos



(CLICHÉS DE BENOLIEL)

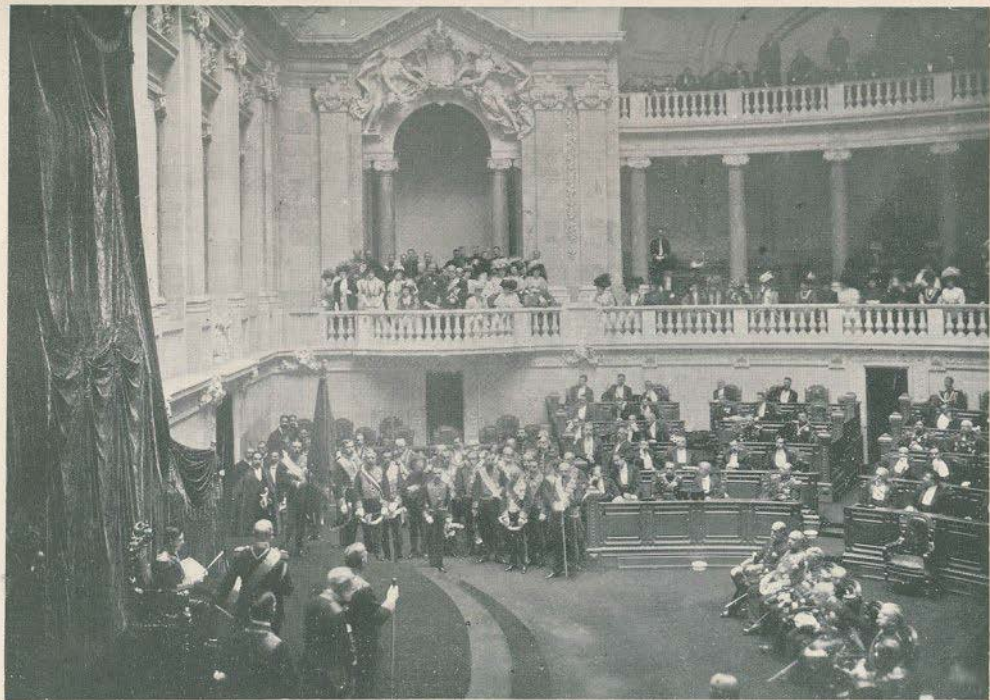
A ABERTURA DAS CÔRTESES

O PRIMEIRO PARLAMENTO NO REINADO DE D. MANOEL



A manifestação feita a Sua Magestade El-Rei á saída de S. Bento
— El-Rei e o senhor D. Afonso saíndo da sessão real de abertura das côrtes
— O coche real, no regresso ás Necessidades

(CLICHÉS DE BENOLIEL)



O Regresso à Legalidade!

El-Rei D. Manuel lendo o discurso da corôa na abertura do primeiro parlamento do seu reinado (29 de abril de 1908)
(CLICHÉ BENOLIEL)

COMO NÓS VENCEMOS NO CUAMATO



(Continuado do n.º 113)

XII

Recordação triste

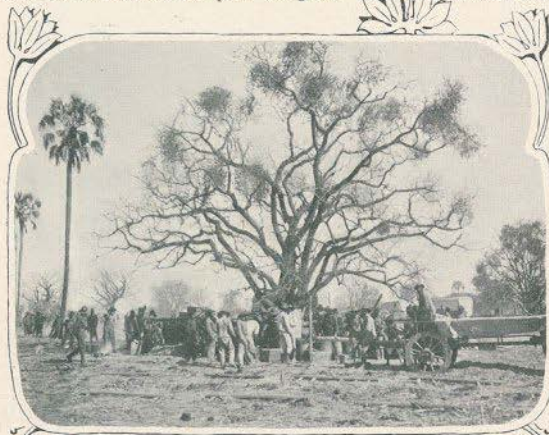
Debaixo d'um enorme *munhande*, estabeleceu-se o hospital de sangue. Horrible espectáculo, como sempre. Para ali foram trazidos os corpos de dois heroes já cadáveres e mais 18 feridos, dois dos quaes tão grave-

mente que morriam de madrugada. Ao anoitecer ainda se estavam fazendo curativos e os gemidos d'aquelles desgraçados soavam tristemente no acampamento.

Eram 11 horas da noite, vieram-nos dizer que se enterravam os nossos camaradas: um marinheiro, que por uma irrisão da sorte tinha a alcunha do *Vida Alegre*, e um soldado do 12, que servia nas metralhadoras. Os corpos foram collocados sobre macas e a lugubre procissão poz-se em marcha, passando por entre os soldados que dormiam do somno tranqüillo de quem tem a consciencia de ter cumprido o seu dever. Com o coração confrangido, a garganta secca pela commoção, as lagrimas de saudade a aflorarem-nos aos olhos, seguíamos vagarosamente o triste cortejo, a travez do socego do acampamento.

Uma cova negra e funda aguardava os corpos dos desgraçados. Chegámos. Os cadáveres desceram á valla. O silencio era profundo: a commoção gelava as palavras nos nossos labios. Instinctivamente ajoelhámos. A nossa mão crispou-se sobre um punhado de terra, que piedosamente lançámos sobre o corpo d'aquelles heroes. Parecia-nos que enterravamos qualquer coisa da nossa vida, juntamente com aquellas duas mortes!

As pás dos sapadores crava-



O soba *Cambungo Popiene* e cinco grandes da terra.
A' direita o século *Chátrina*, conselheiro do soba — *Naloeque*: Distribuição de viveres



ram-se na terra e a cova foi diminuindo, até que d'ahi a pouco se disfarçava com o terreno.

No dia seguinte já quasi se não distinguia o lugar onde repousavam os nossos companheiros. Mas nós sabíamos que debaixo d'aquella terra, ao lado um do outro, dormiam o derradeiro somno — um marinheiro e um soldado. E n'esse funebre abraço, aquelles dois bravos ficaram a dizer á Patria que a Armada e o Exercito são dois irmãos muito queridos, que nem a morte sabe separar!

O Cuamato vencido!

Na noite da chegada alguns auxiliares deitaram falla para o matto, em altos gritos, convidando o



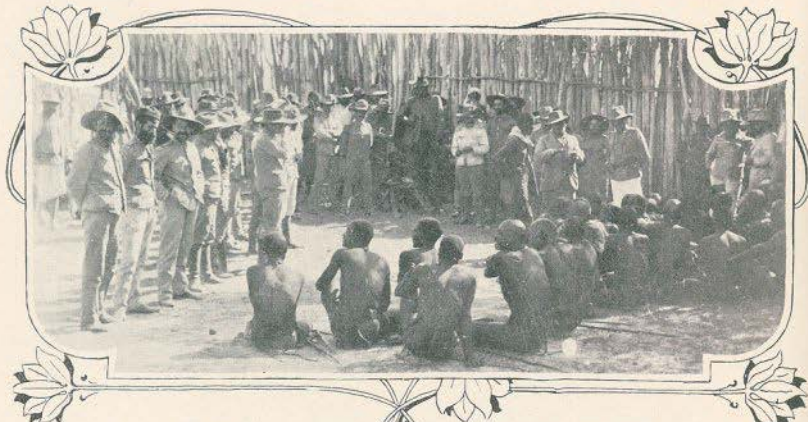
gentio a apresentar-se e annunciando que o Calipallua ficaria sendo o sóba da terra.

Estiveram assim durante algum tempo fazendo os habituaes offercimentos de *mata-bicho*, até que por fim ouviu-se responder que amanhã viriam apresentar-se, se não lhes fizessem mal.

No dia seguinte, á entrada da Embala, um preto tocava o *batuque* desesperadamente, para chamar o povo, segundo o uso da terra. Depois d'algum tempo d'esta musica infernal, lá appareceram quatro cuamatos, cumprindo as promessas da vespera. Disseram que vinham em nome do povo perguntarem se era verdade o que os nossos pretos diziam, porque se assim fosse, o Cuamato não queria



Construção do forte Eduardo Marques no Cuamato Grande—Nalóque: Passagem no interior da Embala—Marcha para Nalóque: Avanço na 1.ª companhia europeia
(PHOTOGRAPHIAS TIRADAS DEBAIXO DE FOGO)



mais guerra e viriam amanhã fazer a sua apresentação.

O governador mandou-lhes dar *cacharamba* e pannos brancos, que pediam para trazerem como bandeiras de parlamentar; como se vê, não são ali desconhecidas as convenções do Direito Internacional.

Também se lhes fez dar uma volta ao bivaque, extasiando-se elles diante da quantidade de gente que tinha a columna e especialmente quando chegaram ao pé da artilharia, onde pitorescamente explicaram o effeito do rebentar das granadas:

— *Matenda faz pum!* e depois lá longe outra vez *pum!* — mata muita gente!

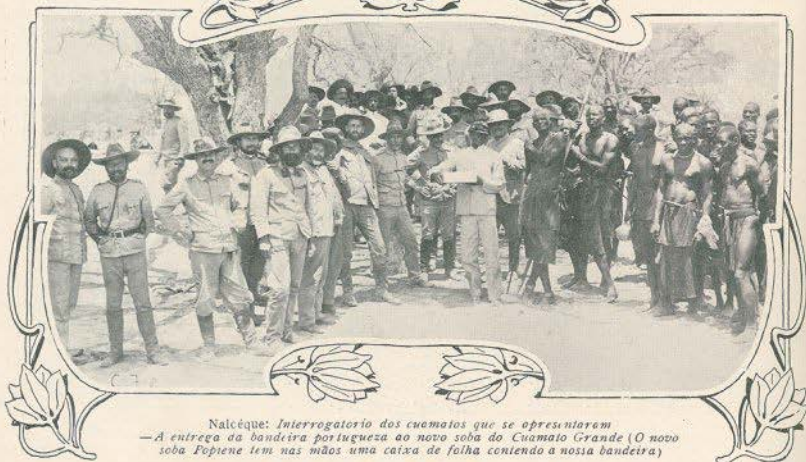
E lá se foram satisfeitos e com muita admiração pelo *branco* «que tem muita força e a terra tem de ser d'elle».

A' noite, partiram em direcção ao forte Rocadas o capitão Montez e o tenente Luzignan, com tres ordenanças de lanceiros, a fim de enviarem para a metropole a noticia do novo feito das nossas armas.

Quando chegavam ao Aluendo, avistaram tres cuamatos escondidos no matto. Como esta região ainda nos era hostil, carregaram sobre elles, mas só conseguiram capturar um, pois os outros poderam escapar-se. Este preto era filho d'um *seculo* (1) importante do Cuamato Pequeno; foi tratado muito bem e afeiçoou-se por tal fórma ao tenente Luzignan, que nunca mais o quiz abandonar.

No dia 6 vieram trinta e dois *grandes* da terra, com as bandeiras brancas á frente, di-

(1) Chefes importantes da terra.



Nalcêque: Interrogatorio dos cuamatos que se apresentarem
— A entrega da bandeira portugueza ao novo soba do Cuamato Grande (O novo soba Poptene tem nas mãos uma caixa de falha contendo a nossa bandeira)



zendo que não vinham apresentar-se todos, porque muitos tinham fugido para longe, mas já os tinham mandado chamar.

Contaram varias coisas curiosas.

O soba tinha-se embriagado, para afastar as maguas, na manhã da nossa chegada e tinha custado caro aos vassallos a levarem o soberano bebado, para que se não deixasse matar pelos nossos.

Uma coisa que lhes fazia muita impressão, eram os foguetes que deitavamos para fazer signal aos postos. Tinham a crença que aquellas estrellas, que assim subiam ao ar, viamos lá de cima e diziam ao branco onde elles estavam. E o facto é que, estando uma vez para nos atacarem no Aucongô, e tendo-se deitado trez foguetes para annunciar ao Forte Roçadas a chegada d'um comboio, elles tinham dito:

— O branco já viu onde nós estamos. Temos que desistir do ataque esta noite.

N'esta mesma tarde começou-se a construcção d'um forte proximo da Embala



vizinhas e todos começavam a temer que a guerra fosse até ás suas terras.

Foi-lhes dito que o governo tencionava construir um grande posto militar, na divisória dos dominios dos dois irmãos Cavanguélua e Ihanguélua, e que lhes dava 15 dias para pensarem se permitiam de bom grado essa construcção, pois, em caso contrario, far-se-hia ao Evalé o mesmo que se fizera aos Cuamatos.

E lá se foram levar estas noticias ao seu «senhor», não sem terem pedido o costumeado mata-bicho.

Em todos os dias seguintes continuaram as apresentações do gentio, agora já familiarizado com os nossos; faziam protestos de amizade immorredoiira. Um pouco tarde, mas enfim: mais vale tarde, que nunca.

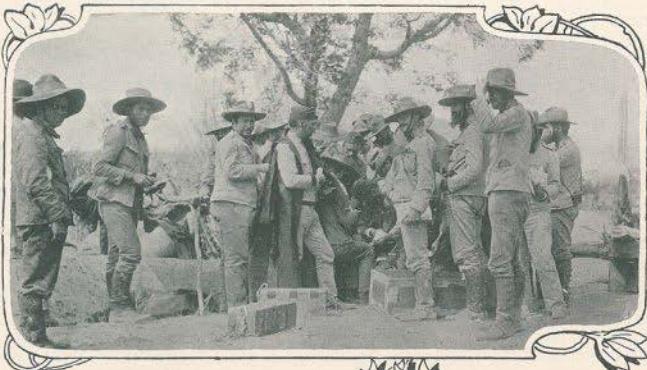
Começaram tambem a trazer algum gado, para pagamento da indemnisação de guerra—300 bois—que lhe havia sido imposta, e prometteram entregar todas as armas.

monia curiosa que elles executavam ao som do *batuque* e do seu canticco de guerra.

Rei morto... Rei posto!

O Calipallula, que era um príncipe da familia dos sóbas, tinha em tempos pretendido o poder.

Guerreavam-no, e elle, não podendo soffrer por mais tempo, deliberou fugir para os portuguezes, apesar das instancias do



prestavam vassallagem batendo com o *porrinho* no chão por trez vezes á entrada no cercado e depois aos pés do Calipallula. Era uma ceri-

seu irmão, que lhe dizia que nós o matariamos.

Na noite da sua fuga, os seus atacaram-no; luctou, defendeu-se e conseguiu escapar-se, embora gravemente ferido. Esteve algum tempo na missão do Cuanhama, onde adquiriu alguns habitos europeus, que o tornavam muito superior aos outros pretos.

Depois, foi de novo atacado por ordem do sóba do Cuanato, apanhando ainda d'esta vez uma zagaiaada no peito. O seu corpo é cheio de cicatrizes; no Macuvi foi ferido no quadril e n'um pulso.

Foi soffrendo ainda muito d'aquella zagaiaada, que o ca-



Uma distribuição do correio
— Naloéque: Um trecho da Embala
— Naloéque: No pateo da Embala em seguida á chegada



pitão Eduardo Marques o encontrou refugiado n'uma *cabana*, para os lados do Humbe. Jurára vingar-se e offereceu-se por isso ao governo, para guia da columna; cumpriu lealmente a sua promessa.

Então, como recomendação, o nosso commandante prometteu fazel-o sóba da sua terra. Quando tomámos a Embala do Cuamato Grande, disse-lhe:

— Calipallulá! Tudo isto é teu!

Elle agradeceu batendo as palmas e exclamando:

— *Quêto! Quêto! Quêto!* (1)

E o seu rosto encheu-se d'alegria.

Nos dias que se seguiram, porém, começou a entristecer, por vér que os seus não o aceitavam de bom grado, e só o toleravam por ser imposto pela força das armas.

E' costume, quando vem um sóba novo, trazerem-lhe uma rapariga das mais bonitas da terra. Porém, a rapariga não apparecia. Finalmente, com o pretexto de vir trazer um presente, apresentou-se uma velha. O nosso Calipallulá, já mal disposto pela frieza com que os seus o tratavam, ficou muito impressionado com este caso.

Quando já estava tudo prompto para a cerimonia da aclamação, que devia ser no dia 9 ao meio dia, acercou-se o nosso guia do governador e disse:

— Senhor! Elles não me querem para sóba. Não estão satisfeitos!

— Porque o sabes?! perguntou-lhe o commandante.

— Porque os novos, os rapazes saíram sem me saudar!

— Que importa?!

Mas elle affastou-se tristemente, a cabeça pendida, n'um desalento.

Todos aguardavam o momento da cerimonia. Os negros acorados no chão fallavam entre si.

Mas, de repente, ouviu-se um tiro dentro da Embala.

Julgou-se que seria a arma d'algum auxiliar, que se tivesse disparado, como já varias vezes succedera. Mas não.

Quando se entrou no pateo d'honra, o pobre Calipallulá estava por terra com o queixo horrorosamente fracturado por uma bala. Vendendo-se mal acolhido pelos seus, tentára suicidar-se, e como o não conseguira ao primeiro tiro, diligenciava recarregar a Martiny, ao

que obstuo o sobrinho, um intelligente moleque que se chamava Samuel.

Fizeram-no levantar e lá foi para a ambulancia. Este incidente causou muita impressão no bivaque, pois todos sympathisavam com o preto que tinha sido para nós um auxiliar dedicadissimo.

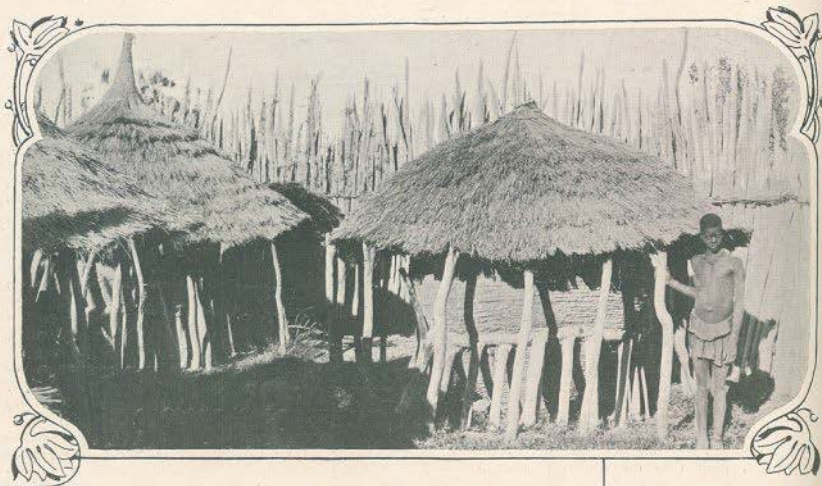
Nunca se soube bem ao certo o motivo d'este seu procedimto, mas correu que fôra por

uma auxiliar preto lhe dizer que nós lhe cortaríamos a cabeça, na occasião de se içar a bandeira na Embala. Elle, porém, declarou que fôra simplesmente por vér que não tinha prestigio algum entre os seus; parece que, principalmente, o caso da velha lhe fez muita impressão.



Nalôque: O grande celloiro—Officiaes de marinha e infantaria. 12—O capitão Montez e o tenente Luzignav com o cuamato que aprisionaram na sua ida ao Cundé

(1) Obrigado! Obrigado!



PLANTA
DA
EMBALA DE NALÓQUE

- 1) MUCANHO DOS RAPAZES QUE NÃO
- 2) TEM MULHER E TOMAM CANTA
- 3) DA PARTA
- 4) TCHANGUANDA - ARRA DE PEQUENOS
- 5) - BARÇAS, ETC
- 6) - CURRAL
- 7) - BICUNBA - PATEO DADE AS MULHERES PLANA E CHANGUAM
- 8) - TCHANGUANDA - PATEO ONDE
- 9) - CANGEM - MUCUNDA
- 10) - MATADOURO DO CANGEM VISITADO
- 11) - CURRAL DAS VACAS DA MUPALALA
- 12) - TENG - NONGOMA - PATEO DOS
- 13) - CHIFUNDO - MANDUQUALIMBO
- 14) - MUCANHO DOS RAPAZES
- 15) - CASA DE PASSAGEM
- 16) - MUCANHO DOS RAPAZES
- 17) - CAMARANA - PARTA PEQUENA
- 18) - PATEO DAS MULHERES
- 19) - MANDUQUALIMBO - PATEO DO CANGEM
- 20) - MUCANHO - MULHERES DO SOBA
- 21) - CAMARANA - PARTA GRANDE DO
- 22) - FELHA AS MULHERES



Utongolo (PARTA DO BALEIRO)

- 23) - CHIFUNDO - MUCANHO
- 24) - BICUNBA - PATEO DOS CANGEM
- 25) - VINE - TENG - CANGEM
- 26) - CANGEM - PATEO ONDE O SOBA
- 27) - PASSA E CALDE
- 28) - LIBATA DA TEMBO (POM. NINGU)
- 29) - COLUNDA
- 30) - COLUNDA - PATEO ONDE SE COME
- 31) - PORCO DO MATO
- 32) - LIBATA DAS MUCANHOAS
- 33) - CAVELO CANGAMA
- 34) - TENG - PARTA DO ONDE
- 35) - PATEO DO SOBA
- 36) - CANGEM - MUCANHO - PATEO
- 37) - ONDE SE COME AS DECISÕES
- 38) - GRANDES
- 39) - CAMARANA - PATEO

O celeiro da Embala do Cuamato Grande

e d'ahi a pouco apparecia um negro, rejubilando d'alegria, acompanhado pelos principais séculos, o qual em breve seria o novo régulo do Cuamato.

A aclamação realisava-se effectivamente no dia seguinte, com o maior ceremonial. Ao novo soberano foi entregue a bandeira nacional, lavrando-se um auto, que foi assignado por grande numero de officiaes e que foi traduzido aos pretos, concordando elles com todas as clausulas estipuladas.

(Continúa).

ALVARO PENALVA.

Esta planta foi levantada pelo sr. capitão Eduardo Marques

Os cuamatos, effectivamente, nada se commoveram com o caso, mas assustados começaram já a debandar, tornando-se urgente providenciar.

Então, o nosso commandante, n'um rasgo de decisão, voltou-se para um personagem importante da terra, chamado Chatirua, e disse-lhe:

— Ha algum capaz de ser sóba?

— Sim! respondeu o outro quasi sem hesitar, o fidalgo Popiéne.

Todos acceteram este alvite



Nalóque: Auxiliares da columna

(CLICHÉS DOS SRS. ALFERES VIELLOSO DE CASTRO E MABINO F. POLLATOS)

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre
chiromante e physionomista da Europa

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vacinções. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambröze, d'Arpigny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada peios numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja—LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

1896

BELEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPHELICO
ou Leite Candêas

para os misturados com agua, diasphe
Sardas, Tex Crestada
Pintas, Rubras, Borbulhas
Rosto Sarcabulho e
Farinçoso, Augas
conserve a cutis
LAVIER, Paris

1896

1896

BELEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPHELICO
ou Leite Candêas

para os misturados com agua, diasphe
Sardas, Tex Crestada
Pintas, Rubras, Borbulhas
Rosto Sarcabulho e
Farinçoso, Augas
conserve a cutis
LAVIER, Paris

1896

DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais *variado e moderno repertorio* em musica e canto dos melhores auctores *nacionais e estrangeiros*. Marca registada, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. — Preços excepcionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. Pedir catalogos

J. CASTELLO BRANCO

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 LISBOA

As GOTTAS CONCENTRADAS de

FERRO BRAVAIS

850 o mais efficaz remedio contra **ANEMIA**
CHLOROSE, CORES PALLIDAS
Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é
recomendado por todos os medicos do mundo.
Não constipa o ventre. Não anne-
grece os dentes — É o mais innocuo remedio
SAUDE — VIGOR — FORÇA — BELEZA
DESCOBRIR NAS INTRODUÇÕES.
Se se vende em Gullas e em Pilulas.
Traz Farmacia de Engarças. — Bussão: 130, Rue Lafayette, PARIS.

VAGO

SEIOS

Desenvolvidos. Reconstituídos
Alfomezados. Fortificados com as
"Pilules Orientales"

O unico producto que em dois mezês
assegura o desenvolvimento e a firmeza
do peito sem causar danno algum à
saude. — Aprovado pelas notabil-
idades medicas.

J. Patis, Pharmacia,
5, passage Verjeux, Paris.
Frans com instruções para 1500
Franco, para valle do correio enviado a:
J. P. Bastos & C.º 39, Rua Augusta, Lisboa.

ALIMENTO DELICIOSO! BANANINE MIALHE

Farinha de Bananas esterilizada chocolatada e phosphatada
Recomendada aos estomagos delicados

CRIANÇAS — CONVALEScentes — VELHOS

Farmacia del Dr. MIALHE,
PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA
8, rue Favart, PARIS

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

Preço 400 réis

36 medalhas de OURO incluindo a
conferida na Exp. Agricola de Lisboa

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA
EXTRACÇÃO de dentes sem
dar dor de 500 rs.
Colocação de dentes desde
1500 réis.
Consultorio oirurgico-den-
tario, R. das Chagas, 42, r.
(Ao Calhariz)
TELEPHONE 1582

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 15000 rs. o par. Lindos collares de perolas a 15000 rs. 96, Rua de Santa Justa, 96. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa. (Junto ao elevador) LISBOA

LOCAO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as afeções do couro cabeludo.
L. DEQUEANT, Pharmacia 38, Rue Clugnoncourt, Paris
Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.
A Venda de todas as Boas Casas do PORTUGAL.

VAGO

PLAQUES

JOUGLA

PAPIERS

Os successos **BIBENDUM**

DE
RECORD

DE
Padova a Bovolentia

(ITALIA - 5 D'ABRIL)

Todos com pneumaticos "MICHELIN"

DEPOSITARIOS EM PORTUGAL:

OLIVEIRA & C.—Avenida Navarro, Coimbra.
ALBERT BEAUVALET & C.—Praça dos Restauradores (Avenida da Liberdade), Lisboa.
A. BLACK & C.—30, R. da Boa Vista, 32, Lisboa.
LAURENCEL & OLIVEIRA—86, Avenida D. Amélia, Lisboa.
RICARDO O'NEILL—Rua do Alecrim, 10, 3.º, Lisboa.
SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS LT. DA—Rua Alexandre Herculano, Lisboa.
AUTO-LISBOA—Avenida da Liberdade, 28-48, Lisboa.

2.ª categoria — 1.º Lancia em carro Lancia.

6.ª categoria —
1.º Trucco em carro Isotta-Fraschini.
2.º Minoia .. Isotta-Fraschini.
3.º Piccoli .. S. P. A.

CENTRAL MOTOR STORE & GARAGE—193, Rua de S. José, Lisboa.
TEIXEIRA & IRMÃO—11, Poço do Borratém, Lisboa.
CASAL IRMÃOS & C.—14, R. de D. Carlos, 84, 1.º, Porto.
TEIXEIRA & IRMÃO—153, Rua de Sá da Bandeira, 157, Porto.
EMPRESA PORTUENSE DE AUTOMOVEIS, LTD.—24, Rua da Liberdade, 48, Porto.
JOÃO GARRIDO—16, Rua de Passos Manuel, 20, Porto.

— AINDA É —

Tempo

De começarem as vossas cadernetas de

COUPONS 400 COUPONS

ficando assim habilitado aos magnificos premios que estão destinados ao concurso de 1908 e dos quaes fazem parte

UM SOBERBO CHALET

2 Automoveis 2

Um HIATE

e premios de todos os generos para todos os gostos e todas as idéas



AGENCIA DE VIAGENS

Ernst George Successores

FORNECEDORES DA CASA REAL

Rua Bella da Rainha, 8 — LISBOA

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços

VIAGENS CIRCULATORIAS
a preços reduzidos e com itinerario á vontade dos viajantes

— NA —
Suissa, Italia, França, Allemanha, etc.

Viagens de recreio no **MEDITERRANEO** e ao **CABO NORTE**
(O Sol á meia noite)

Viagens ao **Egypto** e á **TERRA SANTA**

Passagens para o **Brazil** e **Rio da Prata**. Cheques de viagem substituindo vantajosamente as cartas de credito.